

PENSAMENTO PORTUGUÊS NO SÉCULO XX: A “RENASCENÇA PORTUGUESA” NA FIGURA DE TEIXEIRA PASCOAES

Portuguese Thought in the 20th Century: The "Portuguese Renaissance" in the figure of Teixeira Pascoaes

RODRIGUES, João Bartolomeu¹, & MONTEIRO, Maria Francisca Aguiar²

Resumo

Num contexto em que os ideais da época sofriam transformações, dá-se uma rutura com o passado e o movimento Renascentista Português desponta. É neste período de conturbação que irrompe a revista *A Águia e Arte de Ser Português*, de Teixeira de Pascoaes. Ambas reinventam o pensamento Português no século XX, ao introduzir temáticas como o Saudosismo; a metafísica; a noção de portugalidade; a ideia panteísta ou, ainda, o conceito de patriotismo, cuja reflexão contribui para o arranque do período de Renascença. A Renascença Portuguesa na figura especial de Teixeira de Pascoaes vem edificar a mudança a nível da arte e da literatura.

Abstract

In a context where the epoch's ideals were undergoing transformations; the past is ruptured and the Portuguese Renaissance movement emerges. It is in this period of upheaval that the magazine *A Águia and Arte de Ser Português* by Teixeira de Pascoaes erupt. Both of them, reinvented the Portuguese Thought in the twentieth century, like nostalgia; the metaphysical; the notion of Portugal; the pantheistic idea or even the concept of patriotism, whose reflection contributes to the start of the Renaissance period. The Portuguese Renaissance in the special figure of Teixeira Pascoaes adds to the shift in the level of art and literature.

Palavras-chave: *Pensamento Português; Século XX; Renascença Portuguesa; Teixeira Pascoaes.*

Keywords: *Portuguese Thought; XX Century; Portuguese Rebirth; Teixeira Pascoaes.*

Data de submissão: janeiro de 2020 | **Data de publicação:** junho de 2021.

¹ JOÃO BARTOLOMEU RODRIGUES - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro | Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade, PORTUGAL. E-mail: jbarto@utad.pt

² MARIA FRANCISCA AGUIAR MONTEIRO - Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro, PORTUGAL. E-mail: francisca10-2001@hotmail.com

INTRODUÇÃO

É inconcebível negar a imensa importância do lançamento da revista *A Águia e Arte de Ser Português*, de Teixeira de Pascoaes, numa época em que os ideais que a sociedade se baseava sofriam modificações.

Portugal procurou inserir-se no ritmo Europeu e, conseqüentemente, expandir-se a nível cultural. É de destacar o contexto social e político no qual se insere o surgimento da “Renascença Portuguesa”, que surge na emergência do nacionalismo português após a instauração da República a 5 de outubro de 1910.

Esta expansão deu-se, de igual forma, a nível do contexto artístico, através de manifestações estéticas herdadas do legado de Teixeira de Pascoaes. Após as suas publicações percebe-se que se torna emergente regenerar Portugal e gera-se uma doutrina da portugalidade, de que nos fala Maria Luísa de Castro Soares. É de notar ainda, a introdução por parte do autor do tema saudosista, que se baseia nos “elementos e matéria”; (Gomes, 1988, sp); do metafísico; da noção de portugalidade; da ideia panteísta ou, ainda, do conceito de patriotismo,

Esta evolução cultural, espelhada nestas duas obras e publicadas neste contexto histórico específico permite uma leitura dos movimentos de vanguarda e da sua ligação ao movimento do Modernismo Português.

A atuação do Modernismo em Portugal dá-se num contexto de renovação e é exemplo de tal a proclamação da República. É igualmente com a influência Modernista que autores como Teixeira de Pascoaes reacendem o espírito Nacionalista e crítico do povo português até então perdido, ao abrirem espaço para debate de temas inovadores.

É de notar da mesma forma a importância desta revista e obra ao nível da literatura, e, inclusive, da criação estética. Através da mesma, Pascoaes inova na criação temática.

VIDA E OBRA DE TEIXEIRA PASCOAES

Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos sob o pseudónimo Teixeira de Pascoaes destaca-se como um poeta-filósofo de extrema importância para a história e cultura portuguesa. Nasce a 2 de novembro de 1877, em Amarante. Licencia-se em Direito, na Universidade de Coimbra (1896-1901) e chega a exercer advocacia. Só depois, se dedica

à escrita. Entre temáticas preferenciais da sua poesia, destacam-se o canto à Terra e à Natureza. Mais se acrescenta que essa ligação ao meio natural se deve, igualmente, ao meio onde vivia, mais precisamente ao Marão e o Tâmega.

Das suas obras, sabemos que publicou em 1895 a sua primeira obra poética, *Embriões*. As obras que se seguem passam a denotar o Homem como centro do pensamento. A partir do século XIX os autores passam a valorizar a *psyche* e as interações humanas. Passam ainda a focar-se em momentos específicos em detrimento de uma narrativa linear. Assiste-se, igualmente, à “ascensão espiritual crescente, transformando o material em espiritual, a memória em sonho, o Real em Irreal, a presença corpórea em ausência saudosa” (Rodrigues 2019: s/p), de que são exemplo as obras: *Belo I* (1896) e *Belo II* (1897); *À Minha Alma* (1898); *Terra Proibida* (1900); *À Ventura* (1901). Entre temas caracterizantes da sua poesia destacam-se: a ideia religiosa ou o universo místico.

É, igualmente, através da Saudade que Teixeira Pascoaes é lembrado como poeta saudosista. Através da Saudade, ideia motor da regeneração da pátria, subentendiam-se as dinâmicas: Passado/Futuro, Matéria/Espírito. A obra do mesmo estará, assim, intrinsecamente ligada às páginas da revista *A Águia*, e ao movimento da “Renascença Portuguesa” em 1912. É, no entanto, sobretudo em a *Arte de Ser Português* (1915) que revoluciona o Pensamento Português no século XX.

Joaquim Pereira Teixeira de Vasconcelos morre em 14 de dezembro de 1952 em Gatão, Amarante, distrito do Porto, com 75 anos de idade.

CONTEXTO SOCIAL E POLÍTICO NO QUAL SE INSERE O SURGIMENTO DA “RENASCENÇA PORTUGUESA”: A EMERGÊNCIA DA REGENERAÇÃO APÓS A DECADÊNCIA

É com o eclodir da Instauração da República que irrompe o nacionalismo português. Após o abalo das Conferências do Casino em 1871 ou o Ultimato em 1890 é então que surge: “o nacionalismo lírico espiritualista, neorromântico e providencialista de Teixeira de Pascoaes e dos poetas da “Renascença Portuguesa” (Real, 2011, s.p.).

Nos finais do século XIX, com a conjuntura pós crise *Ultimatum* assiste-se a um Portugal decadente:

Em 1890, 70% dos portugueses eram analfabetos (...) mais de 80% dos portugueses viviam no campo, sem assistência médica e escolar (...). A crise nas Finanças Públicas arrastava-se desde 1890 e nem a sobrecarga de impostos e taxas de Oliveira Martins a tinham amortecido; (...) não existia um projeto político que não fosse avançar com obras públicas à custa de empréstimos estrangeiros, cujos juros asfixiavam a economia do país (Real, 2011, s.p.).

Apesar da realidade, a afirmação do nacionalismo republicano era sinónimo de mudança, por oposição à estagnação que se vivia, quer face à saúde ou economia. Dá-se a instauração da República. Implantam-se uma série de medidas de combate às necessidades sociais emergentes, que entre as mais importantes: abolição de privilégios aristocráticos e igualdade de todos os cidadãos; implantação da lei da separação entre Estado e Igreja; aplicação da lei de divórcio; nacionalização das propriedades da Igreja; extinção das Ordens e Congregações religiosas; extinção dos colégios de jesuítas e de outras Ordens; expansão do ensino laico.

É, no entanto, que a partir de 1911, há um choque de ideais entre alguns nomes emblemáticos como Guerra Junqueiro e Afonso Costa ligado ao Partido Democrático. Face a esta insatisfação assiste-se em 1912, à contestação do poder de Afonso Costa, manifestado na forma de greve, que tinha como causa principal a repressão sobre o operariado. O mesmo acontece em 1912, na região Norte, estando Paiva Couceiro ligado a tal causa. Assiste-se, posteriormente, a uma República instável e reduzida nos seus ideais:

Em 1910 votam apenas cerca de 10% da população/ 70% de analfabetismo em Portugal); fomentando a pauperização progressiva de camadas populacionais urbanas geradoras de contínuos assaltos coletivos (...) o apodrecimento da instituição militar (...) o endividamento do Estado, absorvido economicamente em obras públicas (Real, 2011, s.p.).

De forma geral, é no século XIX, que se verifica a estagnação das estruturas socioeconómicas portuguesas. Tal deve-se, igualmente, ao acontecimento das invasões francesas; a revolução liberal de 1820, na qual se incluem outras lutas civis e a independência do Brasil, influenciado o clima de instabilidade regente. Apesar de ser já notória a vontade de querer regenerar Portugal, é com a revolução liberal de 1820 que tal se põe em marcha.

O surgimento da revista *A Águia* e o movimento da Renascença Portuguesa, popularizam-se como sendo o reflexo de um Portugal instável. A moção levada a cabo por Teixeira de Pascoaes, nacionalista, sugeria um movimento cultural de nome “Renascença Lusitana”, como reflete Miguel Real e a qual, segundo o mesmo, “denotava as diferenças étnicas e culturais do “povo lusitano” face aos restantes povos europeus”. Apesar do surgimento de grandes adversidades como fora o caso da gripe espanhola ou da divisão do partido republicano: Afonso Costa, António José de Almeida e Brito Camacho; o domínio das mentes pelas Igreja Católica ou a entrada de Portugal na I Guerra Mundial.

Contudo, Portugal não deixa de se desenvolver a nível cultural. Permanece a ideia de laicidade de Estado e revoluciona-se o sistema político e o aparelho de funcionamento do Estado. É igualmente neste contexto cultural que, no ano de 1915, é publicado *Arte de Ser Português*, de Teixeira de Pascoaes, que segue as mesmas linhas de pensamento da revista *A Águia*. O mesmo reinventa o pensamento Português no século XX ao introduzir o tema da saudade na sua obra, abrindo espaço para o seu debate.

RENASCENÇA PORTUGUESA: A *Águia* e *Arte de Ser Português*

Com o surgimento, a partir de 1910, da revista *A Águia*, grande marco da Renascença Portuguesa surge a necessidade de um projeto reformador, contrário ao modelo do positivismo até então dominante, inspirador da Constituição de 1911 e cujo contexto é desenvolvido neste artigo. Desta forma: “é este tipo de nacionalismo que Teixeira de Pascoaes irá combater assumindo a direção d’*A Águia*, oferecendo uma alternativa lírica e tradicionalista” (Real, 2011, sp).

Portugal procurou inserir-se no ritmo Europeu e, conseqüentemente, expandir-se a nível cultural. Esta expansão deu-se, de igual forma, a nível do contexto artístico, através de manifestações estéticas herdadas do legado de Teixeira de Pascoaes. Após as suas publicações percebe-se que se torna emergente regenerar Portugal e gera-se uma doutrina da portugalidade, de que nos fala Maria Luísa de Castro Soares:

É então que Teixeira de Pascoaes concretiza um projeto renovador “dentro de uma linha idealista contrária ao modelo do positivismo dominante. Tal projeto fundamenta-se no nacionalismo, ou melhor, no patriotismo e alicerça-se na consciência da necessidade de uma elite, com base no conceito de Homem Superior, de origem evolucionista (Soares, 2017, p. 448).

A partir de finais do século XIX, tendo em conta o avanço económico; industrial; a democratização do ensino e das comunicações repercutiu-se no estabelecimento de ideias e pensamentos republicanos e liberais. Resultado disso acaba por ser a emergência de novas ideias políticas que alteraram, por sua vez, hábitos culturais.

Grande parte desse projeto regenerador deve-se à revista *A Águia*, que representa através da figura Pascoaes uma grande mudança no pensamento português do século XX. Maria Luísa de Castro Soares divide as temáticas influentes da revista em três fases. A primeira diz respeito ao período (1910-1915). Nesta primeira parte destaca-se, sobretudo, a perspectiva da “imparcialidade crítica”, termo que refere, que é por sua vez, acompanhado pelo decorrer de uma linha idealista, focada nas noções de nacionalismo ou no patriotismo, estas que Pascoaes desenvolverá na sua obra, objeto de análise deste artigo. Estas noções far-se-ão acompanhar do conceito de *Homem Superior*, de origem evolucionista.

De notar, nesta primeira fase, a atenção dada à problematização de temas científicos, no caso de Pascoaes em específico, será a reflexão sobre a corrente Saudosista. As preocupações culturais denotam, ainda, importância, já que é dada uma atenção especial à arte do espetáculo, no que nota das peças de teatro em Portugal. Os intelectuais, constituintes da revista *A Águia*, criticavam a sua pouca qualidade e lamentavam tal facto, já que, o teatro constituía uma forma de divulgação cultural, de ideias ou princípios. Nesta primeira fase, a revista *A Águia*, confere um impulso regenerador e reformador, servindo-se já de um contexto muito favorável para tal: revolução liberal de 1820.

Só, posteriormente, no ano de 1912, surge a Renascença Portuguesa, com o lançamento da 2.^a série da revista *A Águia*. Entre colaboradores desta série destacam-se nomes como Teófilo Braga ou Fernando Pessoa. A ideia de regeneração evocada pelos aguilistas³ passou também pela novidade de atuação a nível político e social no sentido de mudança do país: “Do ressurgimento depende o nosso futuro e o futuro da República” (Pascoaes, 1912, p. 8). Numa mesma linha de pensamento, defende-se ainda a ideia de uma identidade nacional. Nas palavras de Leonardo Coimbra:

³ Conjunto de intelectuais: “provindos de diferentes quadrantes político-ideológicos, que apoiavam os ideais republicanos, pretendiam contribuir para a implantação da República, através da formação de cidadãos e regeneração de toda a sociedade, através do ensino, da cultura e da arte” (Brites, 2018, p. 288).

A Renascença Portuguesa deseja dar uma finalidade à vida nacional. Temos vivido na embriaguez do combate, na desonestidade (...) A precipitação da luta, quando se condensava em volta da questão política, fez que a evangelização se limitasse ao castigo do roubo, que era a permanente forma de governação monárquica. (...). Agora, destruído o passado e distendido o esforço de defender a República ameaçada, é preciso impedir a dissolução das vontades pela criação de um ideal coletivo, que seja ao mesmo tempo uma indubitável afirmação das eternas forças do espírito (Coimbra, 1912, s.p.).

A *Águia* (1910-1932), revista literária regeneradora, nas palavras de Eliana Brites Rosa: “(...) nasceu com a missão cultural de ajudar a implementar o novo regime republicano. O projeto aguilista foi criado por um grupo de jovens, no alvorecer da República, vindo a tornar-se numa das principais publicações culturais das primeiras décadas do século XX (...) numa reflexão sobre o contexto cultural dessa época” (Rosa 2018, p. 280).

O próprio Leonardo Coimbra torna-se diretor em 1922, da 3.^a série de *A Águia*. Nesse contexto procura afirmar o propósito pedagógico, através da reabertura da Universidade Popular e no desenvolvimento da instrução de crianças e adultos, inclusos os debates de problemas nacionais, motivo maior para o arranque da regeneração. A necessidade da educação devia-se à grande taxa de analfabetismo. A maior parte da população inseria-se no mundo rural, pertencente ao setor primário, sendo a sua maioria agricultores. A pedagogia apresentava-se como uma necessidade, na medida em que o analfabetismo era considerado um impedimento ao processo de regeneração iminente do país. Mais se acrescenta que, o projeto regenerador da revista *A Águia* mantém-se na sua 3.^a série e inova, na medida em que se estende sobre a reflexão de temas do campo socioeconómico. Os aguilistas consideravam e incitavam a população ao trabalho. Através do mesmo era possível uma: “organização das forças produtoras dentro da Economia e da Moral que o (...) pensamento de democratas quer orientar a República. Este órgão porta-voz da Renascença Portuguesa – que se pretendia inicialmente imparcial” (Coimbra, 1922, p. 5), atuando como solução à crise em vigor.

Nesta linha de pensamento, Teixeira de Pascoaes, introduz o Saudosismo, por ele visto como um traço definidor da nação e a qual considera ser a: “alma portuguesa” (Pascoaes: 1912; Guimarães 1988: 72). O tema saudosista baseia-se, ainda, nos “elementos e matéria” (Gomes, 1988) Sumariamente, para Pascoaes o saudosismo, caracteriza-se pela conjugação entre “a alma que sonha” e “o corpo que trabalha” e por isso para o mesmo refere que

a educação tem de ser sentimental e prática, preparando o homem para viver pela alma uma vida superior e, ao mesmo tempo, de trabalho fecundo e livre. O homem é carne e osso, sentimento e inteligência. E, no nosso caso nacional, a educação verdadeira será aquela que tornar os portugueses conscientes da sua Pátria e aptos para o trabalho que produz riqueza material e espiritual” (Pascoaes, 1914, s.p.).

Para Pascoaes a Saudade representaria: “(...) o sentimento-ideia, a emoção refletida onde tudo o que existe, corpo e alma, dor e alegria, amor e desejo, terra e céu, atinge a sua unidade divina” (Coelho, 1969, p. 1006). Em suma, Pascoaes interpreta, igualmente, a temática do Saudosismo como solução única de ressurgimento do país: “O que se impõe, portanto, (...) é integrar na Saudade Revelada, isto é, no seu espírito originário e original, a Pátria Portuguesa. Do contrário, não seremos mais que uma vaga mancha europeia prestes a ser absorvida e apagada” (Pascoaes, 1912, p.14).

A conseqüente introdução desta temática surge igualmente com o despoletar do movimento da Renascença Portuguesa, que tinha como objetivo, segundo o mesmo “criar um novo Portugal, ou melhor, ressuscitar a Pátria Portuguesa”:

A palavra Renascença significa simples regresso ao Passado. Não! Renascer é regressar às fontes originais da vida, mas para criar uma nova vida. Renascer é dar a um antigo corpo uma nova alma fraterna, em harmonia com ele (Pascoaes, 1912, p. 10).

A Saudade ou o “sentimento-ideia” adquire também um carácter religioso. Não só representa a Renascença da nação, como também passa a ser símbolo do espírito lusitano. Para Pascoaes a Saudade podia ser, assim, considerada uma nova religião, como Maria Luísa de Castro refere, já que significaria uma:” nova Arte, nova Filosofia, um novo Estado”. (Pascoaes 1991: s/d). Todos estes conceitos sumarizam, por sua vez, uma ideologia panteísta. Desta forma, a Saudade, representaria: “o desejo e a dor fundidos num sentimento” (Pascoaes, 1912, p. 10) e “a lembrança e a esperança: a vida e o corpo do Universo” (Pascoaes, 1924, p. 10), reflexo do estado da nação.

É, no entanto, com a publicação da obra *Arte de Ser Português*, em 1915, que Teixeira Pascoaes, reúne todas as suas ideias e pensamentos que outrora divulgara pela revista *A Águia*, ora pelas conferências, de que fora exemplo: *O espírito lusitano ou o Saudosismo*, do ano de 1912, onde Pascoaes define a temática da Saudade. Maria Luísa de Castro reflete sobre o carácter opositor desta conferência, no que diz respeito aos valores da Inquisição, que se apresenta nas suas palavras como: “verdadeira mutiladora da espiritualidade portuguesa e opressora da liberdade religiosa” (Soares, 2007, p. 43). A “a

lei do sacrifício” alimentava, ainda, junto das fanchas etárias mais jovens, o cultivo do “carácter português”. Autores e filósofos como é o caso de Leonardo Coimbra coligam o conceito de sacrifício e a noção de ser português com a menção à arte a uma influência helenista.

Já João Mendes concebe a menção do conceito de arte de Pascoaes como reveladora de “alguma coisa de intencional e reflexo”, que acaba por explicar o helenismo. Resulta, pois, daqui, que o poeta opta conscientemente pela repetição da palavra “arte” e elege uma concepção de arte própria da mundividência helénica.

A concepção de sacrífico para Teixeira Pascoaes, já abordada neste artigo relaciona-se intrinsecamente com a definição de Pascoaes sobre o pensamento do *Homem Universal*, que se caracteriza como “sendo sincero, é natural e implica uma concepção, não conceito, mais ou menos lógica do homem”. A concepção que defende, definia, por sua vez, um modo de ser, intrínseco à alma humana, como nos relata o autor António Maria Martins Melo. O termo *sacrifício* surge na obra de Pascoaes ligado ao entendimento do que é ser-se português e mais uma vez, do sacrifício que através da herança, tradição ou cultura é necessário para o surgimento do que é a essência da Pátria, a qual Pascoaes fala: “Portugal é também uma Pátria, porque é uma Raça politicamente independente, senhora do seu destino” (Pascoaes, 1991, p. 20).

A essência da Pátria é indissociável, sob a ótica de Pascoaes, do campo espiritual e da concepção humana. Assim, o homem designa-se por “sublime, o santo”, o que é hierarquicamente superior, por contradição à vida animal, que define como “transições para os mais perfeitos”. É através do pensamento de Pascoaes que Ferreira Patrício relaciona o Humanismo do autor com a ideia de Patriotismo: “A Pátria, ser espiritual, está intimamente ligada à Humanidade. Está para a Humanidade, como o indivíduo para a sociedade” (Pascoaes, 1991, p.29). Para Pascoaes, a Saudade, como já dito, insere-se na concepção religiosa do Universo e passa o traço definidor da “espiritual fisionomia” e do próprio Deus.

Porventura, apesar do ser humano ser hierarquicamente superior esta posição é também símbolo de sacrifício fala: “o sentimento de sacrifício, a voluntária e consciente obediência à Lei suprema”. Através do sacrifício o indivíduo deveria ser um bom pai e sobretudo um pilar para a família: “o casamento deve ser, portanto, um ato religioso e de sacrifício aos filhos” (Pascoaes, 1991, p. 41).

Ao conceito de Pátria, Pascoaes expande e define o seu pensamento poético ao considerar Deus na definição de *Homem Universal*. Para o mesmo: “o destino do homem é ser consciência do universo em ascensão perpétua para Deus” (Pascoaes, 1993, p. 5). Pascoaes reflete sobre Deus e verifica-se a temática da inquietação religiosa, contrariando, uma visão panteísta⁴ do mundo, como reflete Rosalva Simões de Oliveira. No entanto, a descrença é, por vezes visível em Pascoaes: “Qual é, porventura, a essência do Universo? / Satã, em cada ser existirá disperso? / Mas como interpretar a vinda de Jesus / E este voo imortal das almas para a luz?” (Pascoaes, referido por Oliveira 1983, p. 57). Este conceito de uma visão panteísta, doutrina da qual a autora nos fala, inclui, por sua vez a referência à Natureza e o Universo divinos.

Doutrina esta que conjuga a metafísica e o cósmico, como desenvolve a mesma. O uso da visão cósmica pode ser sintetizado pela necessidade de Pascoaes de abranger uma totalidade, a visão Universal. Desta forma, possui e transmite uma visão da Natureza abrangendo todas estas ideias, deste a visão da pedra e das árvores, às paisagens da sua infância: Marão e Tâmega: “Porque é que vós, meus olhos, de repente, / Comovidos, ficais a contemplar / Uma pedra qualquer se toda a gente / era incapaz de nela reparar?” (Pascoaes, referido por Oliveira, 1983, p. 50) / “Ó Tâmega dos pegos tenebrosos; / Da branca névoa arrefecida / Dos soturnos queixumes clamorosos, / Na noite adormecida... / Rio da minha aldeia... / Pelo chuvoso inverno, maré cheia / Das lágrimas profundas do Marão (...)” (Pascoaes, referido por Oliveira, 1983, p. 58).

Todos estes conceitos inseridos no *sacrifício* canalizam-se em *seres espirituais*, como nos retrata Pascoaes e assim sumaria o lema de: “Família, Pátria, Humanidade, Deus”. A referência constante ao sacrifício pode ser interpretada como um processo, já que o “imperfeito material” se transforma em “perfeição espiritual”. Desta forma, para Pascoaes: “O espiritual começou a viver do animal. É esta a lei do sacrifício é a lei suprema da Natura: E assim, a Vida é o grande sacrifício Que a Deus faz a sensível Natureza” (Pascoaes, 1915, s/p).

Nesta evolução, os elementos Família, Pátria e Humanidade representam, para Pascoaes, “seres espirituais cada vez mais complexos, que findam no supremo ser espiritual” (Pascoaes, 1991, p. 33), que culmina no Deus. Seguindo os conceitos de *sacrifício*, Pátria e espiritualidade Pascoaes pretendia, através deles, mover o indivíduo português até à ideia de patriotismo, mesmo que tal implicasse, uma vez mais, o

⁴ Designa-se uma doutrina filosófica que possui por base Deus, incluindo a Natureza e o Universo divinos.

sacrifício: “ser espiritual e divino”; “em destino de sacrifício e redenção”. Pascoaes retrata-nos, ainda, a necessidade de manutenção deste espírito de sacrifício, que apenas as almas heroicas o conseguiriam. Se assim não fosse, estaria iminente uma “queda do espírito de sacrifício, a quebra da relação entre o indivíduo e o seu destino de chefe de família e patriota” (Pascoaes, 1991, p. 104).

Inserido, ainda, na temática de *sacrifício*, que se coliga com a noção de inquietação religiosa, já abordada anteriormente, verificamos que é sobretudo, através da noção de Patriotismo, que Pascoaes introduz o tom melancólico e saudoso à sua poesia. Como nos descreve Rosalva Simão de Oliveira, a introdução de Pascoaes da temática da Saudade nas suas composições poéticas deve-se ao povo lusíada: “fusão do sangue romano com o sangue semita” (Oliveira, 1983, p. 52).

Desta forma, poderá considerar-se uma poesia lusitana, que para além de intimista, reflete sobre a importância da Saudade. No que diz respeito à noção de Patriotismo, pode ainda representar uma metáfora no que concerne à ideia de nação perdida, que necessita de ser regenerada: “A Saudade vem bater / Vem bater à minha porta / Quando o luar é de lágrimas/ E a terra parece morta”. (Pascoaes, referido por Oliveira, 1983, p. 51). Desta forma, sabemos que o conceito de patriotismo é uma constante na obra de Pascoaes e faz parte da sua mundividência, já que deriva do “sentimento saudoso”. Para além disso, Pascoaes sintetiza as concepções de existência e vida, sob as quais emprega o “misticismo naturalista”.

A ideia de regeneração da pátria prevista por Pascoaes remete, por sua vez, para uma análise política, que explicita em a *Arte de Ser Português*. Assim, acreditava na necessidade de uma estrutura político-social ajustada em valores republicanos:

O Estado derivaria da própria organização municipalista. Cindida esta nas suas várias corporações, formaria o governo local, o governo municipal; reunida superiormente, em Cortes, constituiria o Estado, pelo processo descrito na Era Lusíada: Impõe-se uma República (...) que frutifique em pleno século XX (...), de forma que ela seja o íntimo e secular sentir da Raça organizado em leis modernas. Estas leis, breves e claras (...) O chefe de Estado seria eleito por bastantes anos e por todos os representantes dos Municípios, (...) ora em Lisboa ora no Porto, deveriam constituir as Cortes, com os presidentes de outras Associações (comerciais, etc.) as quais elegeriam e demitiriam os ministérios. Às três entidades, Chefe de Estado, Ministério e Cortes, competiria o governo da Nação. Portugal seria assim uma espécie de Confederação de Municípios, autónomos (...) mas intimamente ligados na vida comum nacional. (...) (Pascoaes, 1991, pp. 43-44).

As temáticas Pascolianas sugerem, ainda, uma reflexão, no que diz respeito à problemática da Saudade, mais especificamente, no que diz respeito ao tempo. É de notar a nula referência do ato presente na sua obra, havendo apenas lugar para o passado e para o futuro. A reflexão sobre o passado poderá ser explicada, sobretudo, pela necessidade de perspetivar as mudanças necessárias no que respeita a uma visão de uma pátria futura. Como Maria Luísa Castro Soares afirma: “não há lugar para o presente, visto que, assim que algo começa a existir, fica a ser pertença do passado” (Soares, 2007, p. 47). Pascoaes aplica a temática de igual forma ao Universo, já que integra a noção de eternidade, sendo esta o passado e o futuro:

O Infinito e a Eternidade são espaço e tempo inesgotáveis. O tempo, abrangendo as mobilidades da esperança, é imóvel como o espaço. Cada minuto que eu vivo é o mesmo ponto inesgotável do espaço. Sou eterno dentro dum minuto; sou infinito dentro dos palmos do meu corpo. O tempo só existe como Eternidade e o espaço só existe como infinito. Um minuto vale mil séculos; um palmo vale milhares de séculos (Pascoaes, 1919, pp. 245-266).

Contudo, apesar do esforço de Teixeira Pascoaes, a nação não segue os passos do positivismo, que tentava interligar o Saudosismo metafísico à ideia de portugalidade. Para além disso, a educação vista como uma necessidade do republicanismo e por isso da Renascença Portuguesa caí por terra, já que não lhe é dada a devida importância. A *Arte de ser Português* não é, assim, adotada como manual de ensino nos liceus, apesar de Pascoaes reiterar a necessidade de “(...) instruir, educar e criar portugueses seria visar um alto ideal patriótico, fechando e coroando esplendorosamente o curso geral dos liceus (...). (Pascoaes, 1920, pp. 11-12).

O término da revista *A Águia* ocorre com o fim da I República. A causa-efeito deve-se, de igual forma, ao Golpe de 28 de maio, do qual resulta a instauração da Ditadura Militar. Após a implementação deste regime autoritário e por consequente antiliberal assiste-se à censura da produção cultural no país e necessariamente no que diz respeito à imprensa.

REFLEXÕES CONCLUSIVAS

É de facto notório que o Modernismo em Portugal surge num contexto de conturbação política e social, de que são exemplos a estagnação das estruturas socioeconómicas portuguesas, as invasões francesas ou a revolução liberal de 1820, na qual se incluem outras lutas civis e a independência do Brasil. Apesar deste período de instabilidade, era já notória a vontade de querer regenerar Portugal. É com a revolução liberal de 1820 que tal se põe em marcha.

A atuação do Modernismo procurava inserir o país nas tendências artísticas Europeias e, conseqüentemente, proporcionar uma: “metamorfose total da imagem de Portugal” (Johansson, 2015, p. 117). É através de Pascoaes e o que diz respeito a dois dos seus maiores projetos: a revista *A Águia* e *Arte de ser Português* que introduz temáticas como o Saudosismo; o metafísico; a noção de portugalidade; a ideia panteísta ou, ainda, o conceito de patriotismo, cuja reflexão contribui para o começo do período de Renascença.

Além disso, o Modernismo, na pessoa de Teixeira Pascoaes, contribuiu, de igual forma, no que diz respeito à literatura, com a novidade da criação temática, mas não, no que diz respeito, porventura, à forma, resumindo-se ao lirismo já em voga, tradicional, ou seja, a recusa “do racionalismo, do empirismo, do cientismo excessivo e a recusa da concepção mecanicista da realidade” (Soares, 2007, p.104).

O clima revolucionário que se fazia sentir no país repercutiu-se na revista *A Águia*, que marcou este movimento. Por sua vez, a mesma acaba por se tornar uma importante referência do movimento cultural da Renascença Portuguesa. O grande contributo da revista acaba por dizer respeito ao tratamento ou abordagem de alguns dos principais problemas socioeconómicos ou socioculturais que afetavam o progresso e a regeneração do país.

Apesar de ser apenas uma revista literária, *A Águia* acaba por abordar temas de origem política, já que, se abordavam, não só, o projeto aguilista, como também apresentaram propostas para superar o período de instabilidade vivido. Exemplo disso, é o uso da noção de patriotismo feito pela revista, na pessoa de Teixeira Pascoaes, para o apelo ao trabalho. A noção de patriotismo incitava ainda à união dos portugueses para que o processo de regeneração avançasse, constituindo o “lirismo afirmativo da raça portuguesa” (Pereira, 1995, pp. 381-382).

Pascoaes, como poeta da portugalidade tentou sempre a modernização para atingir um projeto regenerador, relembrando um passado cultural e usando essa lembrança de uma entidade nacional para a mudança. Apesar de todos os seus esforços, o seu objetivo pedagógico não foi cumprido e *A Arte de Ser Português* não fora implementada como manual.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A Águia: 2.^a Série (1912); (1914): 3.^a Série (1917); (1922). In (1988): *A Saudade e o Saudosismo*. Dispersos e opúsculos. (Compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes). Lisboa: Assírio & Alvim; In Guimarães, Fernando (1988): *Poética do Saudosismo*. Lisboa: Editorial Presença.

A Águia: revista quinzenal ilustrada de literatura e crítica. Dir. e propr. Álvaro Pinto. Outros diretores: Teixeira de Pascoais, António Carneiro, Leonardo Coimbra, Teixeira Rego, Hernâni Cidade, Casais Monteiro, Santa Anna Dionísio, Aarão de Lacerda e Delfim Santos. S. 1, a. 1, n.º 1 (dez. 1910) - a. 20, n.º 3 (maio/jul. 1932). Porto, Tércio Miranda, 1910-1932. In: Biblioteca Digital Luso-Brasileira. Página de Internet: Consultado a 23/12/2021.

A natureza poética de Teixeira de Pascoaes In: RTP Ensina. Disponível em:

<https://ensina.rtp.pt/artigo/a-natureza-poetica-de-teixeira-de-pascoaes/>

Brites, R. E. (2018). *Os Intelectuais e a Superação da Crise Nacional no início do século XX em Portugal. O projeto Aguilista (1910-1912)*. In: USC, CEM- Cultura, Espaço e Memória, CITCEM-FLUP.

Coimbra, L. (10/8/1912): “*A Renascença portuguesa*”. Mundo. Porto, n.º 4283: s.p.

Coelho, J. P. (1969). *Dicionário de Literatura Brasileira, Portuguesa, Galega e Estilística Literária*. Rio de Janeiro, Companhia Brasileira de Publicações, 2, 1007.

Coutinho, J. (1995). *O pensamento de Teixeira de Pascoaes. Estudo hermenêutico e crítico*. Braga: Publicações da Faculdade de Filosofia da Universidade Católica Portuguesa.

Gomes, P. (1988). Nota Proemial. *A Saudade e o Saudosismo – Dispersos e Opúsculos*. Lisboa.

Melo, A. M. M. (2017). *A ideia de sacrifício, a partir das fontes da Antiguidade Clássica, em a Arte de Ser Português de Teixeira de Pascoaes*. UCP, Braga.

Pascoaes, T. (1991) *Arte de Ser Português*. Lix. Assírio & Alvim.

Pascoaes, T. (1920): *Arte de ser português* (2.^a ed.) Porto: Ed. Renascença Portuguesa. Anuário do Brasil, (1991). Lisboa: Assírio & Alvim.

Pascoaes, T. (s/d). *As sombras, o doido e a morte, senhora da noite*. Aillud e Bertrand.

Pascoaes, T. (1914). *Mais palavras ao homem da espada de pau* - A Águia 31-2.^a série.

Pascoaes, T. (1912). *O espírito lusitano ou o Saudosismo*. Porto: Edição da Renascença Portuguesa. In *A Saudade e o Saudosismo. Dispersos e opúsculos* (1988). Compilação, introdução, fixação do texto e notas de Pinharanda Gomes. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pascoaes, T. (1924). *O pobre tolo* (versão em prosa.) Porto: Ed. Renascença Portuguesa. In *Obras Completas de Teixeira de Pascoaes* (1973), (Org. Jacinto Prado Coelho), vol. IX. Lisboa: Bertrand.

Pascoaes, T. (1919/1987). *Os poetas lusíadas* (prosa filosófico-hermenêutica). Porto: Tipografia Costa Carregal. Lisboa: Assírio & Alvim.

Pascoaes, T. (1912). “Renascença”: A Águia 1 – 2.^a série”.

Pascoaes, T. (s/d). *de Vida Etérea*. Paris – Lisboa, Aillud e Bertrand.

Pascoaes, T. (1915). “Uma carta a dois filósofos”: A Águia 43-2.^a série (1915 – jul.) 11-19

Pereira, J. C. S. (1995). *História Crítica da Literatura Portuguesa. Do Fim-de-século ao Modernismo*. Lisboa/ São Paulo: Verbo.

Real, M. (2011). O espiritualismo d’A Águia. *Cultura, Revista de História e Teoria das Ideias*, 237-255.

Rodrigues, J. P. (2019). *Teixeira de Pascoaes, o Poeta- Filósofo de Portugal*. Disponível em: <https://ppl.gal/teixeira-de-pascoaes-poeta-filosofo-portugal/>

Simões, O. R. (1983). *Teixeira de Pascoaes e o Saudosismo Português*, 49-60.

Soares, M. L. C. (2010). Idealismo histórico e espiritualidade portuguesa em Camões e Pascoaes. *Theologica* 45 – 2.^a Série (2010-2), 599-612.

Soares, M. L. C. (2007). *Nas Encruzilhadas do século XX: António Sardinha e Teixeira Pascoaes*. Centro de Estudos de Letras, Universidade de Trás-os-Montes e Alto Douro. Vila Real.

Soares, M. L. C. (2017): *O sentido universal do humano em Teixeira de Pascoaes*. Imprensa da Universidade de Coimbra. Disponível em:
<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/13349/1/soares.pdf>